



Os Gêneros Jornalísticos No Rádio¹

Janine Marques PASSINI LUCHT²

Professora da ESPM-SP (Escola Superior de Propaganda e Marketing)

Resumo

Este artigo tem como objetivo mapear a produção acadêmica sobre os gêneros radiojornalísticos nas últimas décadas. O estudo, primeiramente, foi realizado para a tese de doutorado da autora, intitulada: Gêneros Radiojornalísticos - análise da Rádio Eldorado de São Paulo, defendida em junho de 2009. Para tanto, baseia-se em autores brasileiros, espanhóis e argentinos, em sua maioria. O resultado é um trabalho exaustivo que deve auxiliar pesquisadores, alunos e profissionais do meio a compreender melhor a questão dos gêneros radiojornalísticos.

Palavras-chave

Gêneros radiojornalísticos; Formatos radiojornalísticos; radiojornalismo.

Gêneros Radiojornalísticos: as classificações existentes

A literatura existente sobre o meio rádio já não pode ser considerada escassa. Passados mais de 80 anos desde sua implantação no Brasil, o rádio tornou-se parte do cotidiano de milhões de brasileiros, seja no campo ou na cidade. Cada um a sua maneira, os ouvintes descobriram neste veículo barato (tanto do ponto de vista da produção quanto da fruição) um aliado na busca por informação, companhia e divertimento.

A produção teórica sobre o rádio pode ser dividida em manuais profissionais voltados especialmente a estudantes (BARBEIRO & LIMA:2003; PARADA:2000; FERRARETTO:2000; PRADO:2006; PRADO:1989; ORTRIWANO:1985; ANDRADE LIMA: 1970); manuais das próprias emissoras (KLÖCKNER:1997; PORCHAT:1993); livros que resgatam a história do veículo e/ou dos profissionais que nele trabalharam (TAVARES: 1999; HAUSSEN:2003; NUNES:2001; SAROLDI & MOREIRA: 2005; GOLDFEDER:1980; CASÉ: 1995; SILVA:2000) ou obras teóricas que, em geral, comparam o sistema brasileiro ao de outros países (MOREIRA:2002; MEDITISCH, 2005; SILVA: 2007) apenas para citar os trabalhos de maior destaque.

De todas as obras publicadas até o momento, porém, apenas “Gêneros Radiofônicos”, de André Barbosa Filho, propõe-se a analisar os gêneros no rádio. No entanto, embora seja bastante completo nessa abordagem, elencando e discorrendo sobre os formatos que compõem cada um dos

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo).



sete gêneros admitidos pelo autor, a saber, jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de serviço e, por fim, gênero especial, furta-se da oportunidade de classificar o gênero jornalístico, ou melhor, radiojornalístico³, contribuindo, assim, para o fortalecimento da pesquisa na área. Também deixa de realizar uma aproximação empírica, buscando encontrar e sistematizar a ocorrência dos gêneros e formatos no rádio brasileiro.

No livro, originário de sua dissertação de mestrado defendida no Instituto Metodista de Ensino Superior de São Bernardo do Campo⁴ (SP), atual UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), Barbosa Filho (2003) observa que os gêneros estão determinados “em razão da função específica que eles possuem em face das expectativas da audiência” (2003:89). Assim, descreve cada um dos formatos (neste trabalho consideraremos a seguir apenas os classificados por ele como jornalísticos: 1) **nota** (informe sintético de um fato atual, nem sempre inconcluso); 2) **notícia** (modulo básico da informação); 3) **boletim** (pequeno programa informativo, com, no máximo, cinco minutos de duração, distribuído ao longo da programação e constituído por notas e notícias e, às vezes, por pequenas entrevistas e reportagens); 4) **reportagem** (amplia o caráter minimalista do jornalismo e oportuniza aos ouvintes uma noção ampla mais aprofundada a respeito do fato narrado); 5) **entrevista** (uma das principais fontes de coleta de informação, está presente direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas), 6) **comentário** (cria ritmo e amplia o cenário sonoro do receptor, visto que propicia a presença de diferentes vozes na programação), 7) **editorial** (é o anúncio de opinião não-personalizada e retrata o ponto de vista da instituição radiofônica), 8) **crônica** (tem relação direta com a atualidade e ligação com uma circunstância favorável. Transita entre a fronteira entre jornalismo e literatura), 9) **radiojornal** (congrega e produz outros formatos jornalísticos, como as notas, notícias, reportagens, comentários e crônicas) 10) **documentário jornalístico**, 11) **mesas-redondas ou debates** (são espaços de discussão coletiva em que os participantes apresentam idéias diferenciadas entre si), 12) **programa policial** (tem como objetivo cobrir os acontecimentos e fatos policiais, por meio de reportagens, entrevistas, comentários e notícias), 13) **programa esportivo** (é a divulgação, cobertura e análise dos eventos esportivos. Veiculado no formato de notícias, comentários, reportagens, entrevistas, mesas-redondas), e 14) **divulgação técnico-científica** (tem a função de divulgar e, conseqüentemente, informar a sociedade sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população).

Vale ressaltar aqui a distinção que o autor faz entre o gênero jornalístico e o de serviço. Para ele, o gênero de serviço é basicamente informativo,

³ Neste momento cabe ressaltar a diferença entre radiofônico e radiojornalístico: o primeiro refere-se a todos os gêneros praticados no rádio e o segundo, apenas àqueles que contemplam os preceitos jornalísticos, a saber: imediatismo, instantaneidade, universalidade, proximidade, mobilidade.

⁴ A referida dissertação de mestrado foi orientada pelo Prof. Gino Giacomini Filho.



“de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio”. (BARBOSA FILHO, 2003:134-135).

Ora, se o gênero de serviço é calcado em informação, ele não deveria estar integrado ao jornalístico? Conforme André Barbosa Filho, o motivo para a separação em dois gêneros distintos é que o de serviço distingue-se do jornalístico por seu caráter de “transitividade”, que indica movimento, circulação, trânsito e, conseqüentemente, provoca no ouvinte uma reação sinérgica, ao reagir à mensagem. A explicação não convence, na medida que as emissoras do tipo *all news* e *news – talk* se valem, cada vez mais, das matérias ditas “de serviço”. Prova disso são as coberturas aéreas, para o trânsito em diversos horários, tão fundamental quanto a meteorologia, roteiro cultural, notas de utilidade pública, etc.

Em manual lançado recentemente, a jornalista, professora e blogueira Magaly Prado aborda o fazer radiofônico na forma de verbetes, que vão desde dicas sobre texto e postura do repórter até macetes sobre determinadas técnicas. Em meio a tudo isso, explica os formatos jornalísticos presentes no rádio com maior frequência, sem, todavia, adotar esta nomenclatura nem classificá-los quanto aos gêneros a que pertencem. Desta forma, aborda: 1) os **noticiários** (principal programa de jornalismo da emissora); 2) **boletins**, que são pequenos programas, programetes ou “pílulas”, emissões de curta duração; 3) **sonora** (o mesmo que entrevista em rádio), pode ser gravada ou ao vivo; 4) **entrevista no estúdio ou por telefone** (esta, em geral, é feita pelo apresentador do programa); 5) **reportagem** externa; 6) **mesa de debate** (três ou quatro convidados discutem, de diferentes pontos-de-vista, determinado assunto); 7) **enquetes** (coleta de opiniões da população, é um recurso bastante utilizado); 8) **especiais** (programas que abordam temas de grande interesse, como por exemplo, 40 anos de carreira de tal ator); 9) **tributos** (programas especiais sobre pessoas já falecidas); 10) **biografias** (perfil de determinada personalidade pública, geralmente feito antes do falecimento); 11) **comentários** (sobre este item a autora não tece qualquer hipótese conceitual, limitando-se a advertir para que o radialista não emita comentários sem critérios); 12) **testemunhais** (aparece quando a autora fala do segmento esportivo. Ressalta que não se deve deixar levar pela emoção ao narrar uma partida de futebol, por exemplo); 13) **trânsito** (fundamental nas grandes cidades. A cobertura de trânsito, para ser bem feita, precisa apresentar rotas alternativas para o ouvinte/motorista); 14) **temperatura** (fundamental no rádio. Muitos ouvintes ligam-no só para escutar a previsão); 15) **retrospectiva** (reúne os principais acontecimentos do ano, em todas as áreas); 16) **policiais** (aqui antecedido pela palavra gênero – é a principal atração de emissoras populares, com forte presença da interpretação eloqüente do radialista); 17) **cartas** (fonte de pauta para a produção. Especialmente nos programas policiais, a maioria dos crimes relatados chega por



meio de cartas enviadas pelos ouvintes); 18) **cotações** (de moedas estrangeiras, principalmente do dólar americano e das bolsas de valores); 19) **educativos**; 20) **sitcom radiofônica** (programa curto, em que uma história de ficção é contada); 21) **radionovela ou radioteatro**; 22) **peça radiofônica**; 23) **radiodocumentário** (aborda um determinado tema em profundidade. Baseia-se em pesquisa de dados e de arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante (PRADO, 2006:05-66).

Com relação aos formatos, Magaly Prado tem uma abordagem que mais se assemelha à televisão. Para a autora, eles dividem-se em: programas curtos; ao vivo; gravados; consultores; interativos e de perguntas e respostas.

Os estudos mais avançados sobre o tema parecem ser os provenientes de países *hispano-hablantes*, como Espanha, por exemplo.

María del Pilar e Susana Herrera (2005) bem observaram que os atuais estudos sobre os gêneros radiofônicos são escassos e confusos. Ao mesmo tempo em que tentam dirimir as arestas existentes entre os autores, utilizam-se de denominações errôneas, contribuindo para a “*pérdida de un marco normativo*”, que acaba por confundir inclusive os próprios apresentadores de programas de rádio (2005:1). Em sua revisão de literatura, encontram em Arturo Pérez Merayo⁵ subsídios para embasar sua tese, a de que os gêneros radiofônicos são como traços construtivos que dão estrutura formal aos conteúdos do discurso da rádio:

{Gêneros radiofônicos} se entienden como modos de armonizar los distintos elementos del lenguaje radiofónico de manera que la estructura resultante pueda se reconocida como perteneciente a una modalidad característica de la creación y difusión radiofónica (MERAYO, apud PILAR & HERRERA, 2005:2).

Daí reconhecem que os gêneros cumprem três funções básicas: primeira, são formas de representação da realidade e servem como sistemas de referências que se modificam e evoluem constantemente; segunda, os gêneros são também ferramentas para o trabalho dos jornalistas e instrumentos úteis da pedagogia do exercício profissional e, por fim, a terceira função é a de que os gêneros atuam como modelos de enunciação, ou seja, fornecem um conhecimento que permite superar ou modificar os esquemas tradicionais (PILAR & HERRERA, 2005:02). De qualquer forma, as autoras ressaltam que os gêneros não apenas são úteis para os produtores de determinada mensagem como também para os consumidores/receptores).

Do alto de sua experiência como profissional de jornalismo e professor, Heródoto Barbeiro, em parceria com Paulo Rodolfo de Lima, elaborou um Manual de Radiojornalismo focado em produção, ética e internet. Bastante interessado na ética diária e na postura do profissional, o livro

⁵ Pérez, Arturo Merayo. Para entender la radio – **Estructura del proceso informativo radiofónico**. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 2000.



também aborda terminologia e jargões da profissão. Em meio a tudo isso, dedicam algumas páginas para abordar com mais profundidade a reportagem e a entrevista. A primeira, segundo os próprios autores, é a principal fonte de matérias exclusivas da rádio jornalística e a segunda, tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a emoção. Porém, assim como em outros manuais, ignora os demais formatos radiofônicos e sua respectiva classificação em gêneros (BARBEIRO & LIMA, 2003).

Na obra “Rádio: o veículo, a história e a técnica”, Ferraretto (2000) propõe-se a consolidar os pilares do “fazer” jornalístico, abordando desde questões técnicas até elementos históricos que nortearam o desenvolvimento do meio. Ao discorrer sobre a técnica radiofônica, procura descrever os gêneros jornalísticos no rádio, sem, todavia conceituá-los. Admite a ocorrência de três gêneros: informativo, interpretativo e opinativo; também observa que no rádio tais gêneros “adquirem formas específicas” (2000:201). Por exemplo, para Ferraretto, o informativo “retrata o fato com o mínimo de detalhes”. Pode aparecer tanto na notícia quanto em boletins do repórter. Porém, neste caso, o autor observa que pode haver interpretação.

Já o gênero interpretativo tem, na visão do autor, o objetivo de “situar o ouvinte dentro do acontecimento” (2000:201), o que ocorre mediante a ampliação qualitativa das informações a serem repassadas ao público, ou seja, comparando os fatos, remetendo-os ao passado, fazendo conexões com outros acontecimentos e projetando-os para o futuro. O autor ressalta que o texto manchettato permite o uso de recursos interpretativos, ao situar o ouvinte nos níveis histórico, geográfico e social. Permite, ainda, o uso de expressões informais e até adjetivos e chavões, normalmente evitados na linguagem jornalística.

Quanto ao gênero opinativo, Ferraretto divide a programação radiofônica entre “informativos” e “de entretenimento”. No primeiro grupo, segundo o autor, estão os noticiários (síntese noticiosa, radiojornal, edição extra, toque informativo e informativo especializado), programas de entrevista, programas de opinião, mesas-redondas (painel e debate) e os documentários. Já no segundo grupo estão os programas humorísticos, os de dramatização, os programas de auditório e, por fim, os programas musicais.

No entanto, embora se refira aos formatos, especificando cada um deles, o conceito do termo utilizado por Ferraretto difere do adotado neste trabalho. A saber, para o autor gaúcho, formato “representa uma espécie de filosofia de trabalho da emissora, marcando a maneira como ela se posiciona mercadologicamente no plano das idéias” (2000:61), enquanto para nós, formato são tipos de emissões que obedecem critérios de estilo, conteúdo e estrutura. Para o autor, os formatos “puros” constituem-se dos informativos, musicais, comunitários, educativo-culturais e místico-religiosos. Já os “híbridos” têm a participação do ouvinte ou o misto música-esporte-notícia.



O manual de Marcelo Parada é simples e objetivo. Assim como a maioria dos livros deste tipo, também não apresenta nenhuma classificação dos gêneros radiofônicos. E se bem explica como funciona uma rádio, oferecendo dicas sobre texto e edição, além de instigar os jovens a procurar emprego em emissoras de rádio, não aprofunda a questão crucial dos formatos, ponto de partida para o bom “fazer jornalístico”. Trata apenas dos formatos mais comuns, como a notícia, a reportagem, trânsito e estradas. Sobre notícia limita-se a elencar princípios norteadores, com base no autor Andrew Boyd. São eles: proximidade, relevância, imediatismo, interesse, drama, entretenimento (hora certa, emergências, denúncias, atos do governo), conflitos e debates, saúde, reclamações de ouvintes, “dá pra resolver”, previsão do tempo, esportes, trânsito e estradas (PARADA, 2000:24-27).

Quanto à reportagem, Marcelo Parada insiste que é de responsabilidade de todos na emissora, para que seja “viva e quente” e “não anódina e burocrática”. Ele também reforça que a reportagem deve ser fruto de um esforço coletivo, do envolvimento e do trabalho em equipe (idem, 2000:29).

Por seu turno, Raúl Peñaranda (2000) busca no boliviano Erick Torrico e no chileno John Müller inspiração para compor sua própria classificação, sendo que, ao contrário dos autores citados, admite a existência de quatro e não três gêneros. São eles: 1) os **informativos**, cuja função básica são os relatos dos fatos, de forma “fria”, sem incluir opiniões; representados pelos formatos: nota ou notícia, crônica, entrevista e perfil; 2) os **opinativos**, que serve para expor idéias e opiniões ao invés de repercutir os fatos. Comumente, as opiniões, segundo o autor, estão amparadas em valores, idéias e sentimentos de quem redige a matéria e não necessariamente em fatos. Este segundo gênero teria como representantes os seguintes formatos: editorial, coluna ou artigo, caricatura de opinião, o comentário, a crítica ou resenha e a carta; 3) o meio termo entre os gêneros informativos e opinativos seria ocupado pelo **gênero interpretativo**, o qual inclui ao mesmo tempo opiniões subjetivas, enfoques e visões específicas dos temas abordados. Configura-se por apresentar grande quantidade de dados contextuais e visões dicotômicas para em seguida oferecer conclusões e dar elementos suficientes para que o leitor compreenda melhor os fatos. Tem como formatos as análises e as reportagens, segundo Peñaranda; 4) por fim, o autor inclui o gênero entretenimento, que tem como objetivo apenas “divertir e distrair” (2000:6) e jamais relatar os fatos e emitir juízos de valor. É composto pelos formatos: tiras cômicas e caricaturas, palavras-cruzadas, jogos, horóscopo, etc.

A dosagem certa no uso e na disposição na grade de programação dos gêneros jornalísticos precisa ser feita com esmero para que atinja um nível louvável. Com esta idéia Fernando Curado Ribeiro [s.d.] introduz sua “classificação” dos gêneros radiofônicos. Cabe ressaltar, mais uma vez,



que a noção de gênero utilizada pelo autor difere da adotada por esta pesquisadora. Talvez por isso não concordemos com alguns dos formatos incluídos por ele na lista, como música clássica e “ligeira”, definitivamente puro entretenimento, sem conteúdo jornalístico.

Eis a classificação: informações; reportagens; palestras; conferências didáticas; entrevistas; programas “distrativos”; crônicas sociais; crônicas econômicas; crônicas financeiras; crônicas políticas; crônicas religiosas; comunicados da bolsa; previsões meteorológicas; cultura física; desportos; rádio escolar; emissões dramáticas; emissões literárias; rádio-teatro; música clássica; música ligeira; folclore e, finalmente, variedades.

A dificuldade em definir a “fórmula” do que é um programa de rádio e que elementos o compõem fazem parte das inquietações de Atorresi (1995) ao falar dos gêneros radiofônicos. A autora divide os programas em três grandes grupos: informativos, de opinião e de entretenimento, ressaltando que é fundamental conhecer o público, seja ele compreendido como “geral” ou “específico de um setor”. Ou seja, a autora compreende que a especialização dos conteúdos (ou a segmentação dos mercados) trouxe consigo uma nova possibilidade de emissão radiofônica, seja em programas com temática adulta ou para amantes do cinema ou teatro, por exemplo. Mas embora admita a existência dos três gêneros é bastante enfática ao afirmar que:

Los géneros de opinión no tienen un lugar diferenciado importante. La radio parece dedicarse a explotar las ventajas de la inmediatez, instantaneidad y simultaneidad dejando el espacio del análisis a los medios escritos. (...) En radio (...) la decodificación del mensaje está condicionada: se da de una sola vez o no se da. Por eso es que las argumentaciones complejas y largas no se llevan bien con este medio que prefiere la información al minuto y, como mucho, un juicio breve y contundente respecto de lo que se há informado (1995:28-29).

Fica bastante claro que para Ana Atorresi o gênero de maior destaque e relevância no rádio é o informativo. Motivo para tal é a instantaneidade de que vive a rádio, uma vez que toda a programação pode ser interrompida a qualquer momento em função de uma notícia de última hora. Além disso, afirma, em geral, toda a programação é pensada a partir dos diversos jornais veiculados ao longo da programação. Os demais programas são “encaixados” entre estes espaços. Desta forma, admite a existência de práticas distintas por parte dos jornalistas, com estrutura, temática e estilo mais ou menos estáveis. São os seguintes formatos: 1) **flash**: notícia levada ao ar tão logo seja conhecida, por sua importância, pode interromper a programação; 2) **avance** (chamada): tem como objetivo dar uma mostra do que será veiculado em determinado dia e horário. Em geral, utiliza a música característica do programa como fundo musical; 3) **boletim horário ou panorama informativo**: “encontro permanente com a atualidade”. É o noticiário a cada meia hora, com duração de um a cinco minutos; 4) **crônica**: dá menos lugar à reflexão e à análise, ao mesmo tempo



em que não possibilita muita edição. Furta-se da volatilidade da mensagem radiofônica e da capacidade de aportar testemunhas fiéis; 5) **diário falado**: carro-chefe de qualquer programação. Inserido em horários nobres, de grande audiência, tem inspiração nos editoriais dos jornais impressos: política nacional, internacional, economia, esportes, etc; 6) **entrevista**: também chamada pelos argentinos de “reportaje”. É um dos formatos mais utilizados no rádio, tanto que muitos programas são construídos inteiramente baseados nela e o 7) **unitário ou documental**: este tipo de programa tem como objetivo “formar” mais do que informar, uma vez que busca levar aos ouvintes determinados aspectos que nem sempre são acessíveis a eles. É produzido em função de um eixo temático, que pode variar a cada semana ou a cada edição.

Já quanto ao gênero de entretenimento, Ana Atorresi dá a receita para um programa de sucesso: “*juegos, concursos, humor, ironía y sátira, música, alguna anéctoda y algún comentario*” (1995:20).

Jimmy Garcia Camargo (1980) dedica um capítulo inteiro do seu livro “*La radio por dentro y por fuera*” para tratar da informação e dos tipos de programas informativos, que segundo ele, é um dos pilares básicos da radiodifusão. Sua divisão em formatos e estilos é a seguinte: 1) **radioperiódico** (nome derivado do jornalismo impresso. Indica notícias dadas de forma regular e diária); 2) **noticiero**: divide as notícias em editoriais); 3) **radiorevista** (diferencia-se do anterior pela forma de apresentar as matérias e comentá-las, avaliá-las, analisá-las, etc); 4) **programas de opinión** (espaço destinado a orientar a opinião pública. Em geral, são conduzidos por *experts* nos assuntos tratados. Pode ser feito como uma mesa-redonda); 5) **avance noticioso/flash informativo** (notícia transmitida assim que se tem conhecimento dela. Por sua importância, interrompe a programação sempre que necessário. Mais tarde, será ampliada nos programas devidos) e 6) **micronoticiero** (pequena seção informativa, que apresenta de forma regular as notícias mais recentes e importantes a cada meia hora ou hora).

O livro “*Estrategia de los pequenos formatos: una programación buena, bonita y barata*”, escrito pelo brasileiro Walter Alves, integra a coleção “Manuales Didácticos CIESPAL” com um propósito simples, porém demasiado importante: despertar nos amantes do rádio o desejo de produzir cada vez programas de melhor qualidade apesar dos escassos recursos que o meio recebe. Para atingir tal objetivo, Alves defende que os “pequenos formatos” são a solução rápida e simples rumo à qualidade do que vai ao ar. Mas antes de discorrer sobre cada um dos formatos, ele também contempla questões de gestão: como vender uma idéia, por exemplo; os efeitos propiciados pelos sons e musicalidade; elementos que não podem faltar a qualquer produção, como: inteligibilidade, correção, relevância e atração; dicas para melhor escrever para o meio e indicações técnicas, para que os radiojornalistas possam cumprir integralmente com suas funções dentro das emissoras.



Portanto, são mais de vinte os formatos admitidos por Alves (1988): 1) **notícia**: é, talvez, o principal elemento de uma programação. O que mais confere credibilidade e respeito a uma emissora. A tônica que governa a redação deve ser a da imparcialidade (ainda que relativa). Deve ser ágil e concisa. Constituída de: introdução, desenvolvimento e conclusão. Não pode ser transformada em comentário. Para evitar que isso aconteça, deve-se evitar responder ao “por que” do lide; 2) **comentário**: “*escudriña*” a atualidade, dando-a contexto histórico, social, econômico ou qual seja o pano de fundo da questão, com agilidade, inteligência e com muitos exemplos; 3) **editorial**: é a opinião da instituição. Calcado na seriedade, tem um caráter quase solene e deve ser usado com parcimônia; 4) **charla**: é um dos formatos mais nobres, ideal para tratar de assuntos já desgastados por tanto se repetirem nos meios de comunicação de massa. É a narração que permite contar um sucesso com arte e sutileza e, quase sempre, com bastante humor. Pode ser narrada ou ilustrada. Muito próxima da crônica literária, utiliza diferentes linguagens, estilo, tom, intimidade e maneira de apresentar; 5) **charla ilustrada**: semelhante ao que foi retratado acima, porém admite o uso de “ilustração”, ou seja, a fala de um entrevistado. A voz gravada do convidado deve ser, no entanto, bastante curta; 6) **entrevista**: pode ser um programa por si só ou parte de um todo. Pode ser ao vivo, com tempo limitado, gravada e depois editada em estúdio e editada e narrada. Não devemos nos esquecer de responder às questões: que, quem, quando, onde, como e por que; 7) **la rueda de prensa**: é o mais caótico dos programas, devido essencialmente ao grande número de emissoras existentes hoje. Em geral, vale mais como informação que o repórter aponta e ilustra com algumas frases gravadas⁶; 8) **reportagem**: este formato contempla entrevistas, vox popullii, sons locais, narração e descrição. A linguagem visual tem aqui um papel fundamental. O repórter precisa ter todos os sentidos muito aguçados. Existem três modalidades: direta, ao vivo; editada, sem narrador e a narrada; 9) **debate**: tanto o debate quanto o painel e a mesa-redonda necessitam de um moderador, vários microfones e personagens convidados, em geral especialistas que não recebem por sua participação. No caso do debate propriamente dito, o moderador interage com duas pessoas que representam pontos de vista divergentes e faz com que esses dois se enfrentem; 10) **painel**: os especialistas podem chegar a cinco. Os entrevistadores podem ser até dois. Há acesso do ouvinte do programa com perguntas por telefone⁷; 11) **mesa-redonda**: é uma discussão informal do tema escolhido. Podem participar de 3 a 5 pessoas, além do moderador; 12) **Vox Populli**: consiste na compilação de pequenas declarações de pessoas na rua. É a palavra do povo, sem adulteração. Seu principal atrativo está na maneira espontânea de expressarem-se. Dá vida a qualquer programa, já que a audiência pode identificar-se com as opiniões irradiadas; 13) “**La Tertulia**”: é um programa

⁶ No entanto, em televisão, por exemplo, existe um programa na TV Cultura de São Paulo chamado “Roda Viva” que coloca, a cada semana, uma personalidade no centro do estúdio rodeado por jornalistas que o sabatinam. Apenas o mediador é fixo.

⁷ Hoje em dia, com a popularização da Internet, a participação do ouvinte se dá cada vez mais pelos meios digitais.



comandado geralmente por duas pessoas, de preferência um casal. É um show de variedades, levado com muito humor e intimidade. A música é um ingrediente obrigatório; 14) **“Talk Show”**: é o programa de uma personalidade, principal diferença em relação à Tertúlia; 15) **Programa Musical**: além do acervo musical, a produção necessita de informação sobre os autores e intérpretes, o país a que pertence o grupo, o tipo de instrumento utilizado, o nome do cantor (a), o gênero, etc.; 16) **“Retrato Sonoro”**: consiste em descrever ou contar, sem a necessidade de um narrador, um lugar ou determinada história. Seria como aplicar o meio rádio à linguagem cinematográfica; 17) **Informe documentado**: consiste no tratamento de um tema ou assunto determinado, analisando-o sob distintos ângulos. Existem dois tipos: narrado e dramatizado. No primeiro, predomina o formato “charla”, com ilustrações, música, poesia, entrevistas, etc. No segundo, as cenas dramáticas. Porém, é a narração que adquire maior força e vida em qualquer tipo de trabalho desta natureza; 18) **Informe dramatizado**: pode-se utilizar uma narração nobre e balanceada, entrevistas, muita música incidental, que de certa forma se referem ao tema, debates e mesas-redondas. Mais que isso, cenas dramáticas representando histórias reais ou fictícias; 19) **Monólogo**: são programas dramáticos, mas com apenas uma voz; 20) **“El Sketch”**: diálogos curtos, cômicos, que podem ser inseridos a qualquer momento na programação; 21) **“La serie a dos personajes”**: é um dos formatos mais úteis, fáceis de produzir e de maior impacto na audiência. Consiste em um protagonista fixo e um coadjuvante, que varia de capítulo a capítulo. Cada episódio é independente do outro. Criam-se situações, aspectos e ângulos diferentes; 22) **“La novela de capítulos cortos”**: a duração de cada capítulo é de, no máximo, 12 minutos. É diária e pode ter um número infinito de capítulos. Necessita de um excelente narrador. A chave para o sucesso é o conflito, a crise; 23) **“Los personajes”**: há um triângulo essencial em cada obra teatral: ator-personagem-público; 24) **Adaptações**: esta técnica requer mais que todo o respeito ao autor.

O argentino-uruguaio Mario Kaplún é, ainda hoje, referência quando o assunto são os gêneros no rádio, embora sua obra date da década de 70 do século passado. O motivo é a escassa literatura a respeito do tema, bastante específico. Embora haja diferenças no que tange a alguns formatos radiofônicos, o autor é adepto da corrente que considera como funções básicas das emissoras de rádio a informação, educação, entretenimento:

La radio se ha mostrado eficaz como medio para informar, para transmitir conocimientos y para promover inquietudes. Es posible asimismo a través de la radio llevar a una reflexión sobre valores y actitudes, estimular el raciocinio, favorecer la formación de una conciencia crítica (KAPLÚN: 1987, 128)

Kaplún agrupa os programas de rádio em dois grandes “gêneros”: os musicais e os “falados”. Neste último grupo, ele ainda subdivide em três tipos: a) programas em forma de



monólogo; b) em forma de diálogo e c) em forma de drama. Ele considera que o primeiro tipo é o mais comum, constituído pela “charla” radiofônica individual, especialmente pelo baixo custo de produção, ao mesmo tempo em que reconhece ser um formato monótono e limitado. Já no segundo tipo, o “dialogado”, encontramos produções mais sofisticadas, porém mais atrativas, uma vez que permite uma variedade de vozes, pluralidade de opiniões. Segundo o autor, são doze os formatos encontrados no rádio latino-americano:

1) la charla (expositiva, creativa, testimonial); 2) el noticiario (formato noticia); 3) la nota o crónica; 4) el comentario; 5) el diálogo (didáctico, el radio-consultorio); 6) la entrevista informativa; 7) la entrevista indagatória; 8) el radioperiódico; 9) la radio-revista (programas misceláneos); 10) la mesa redonda (mesas redondas propiamente dichas, el debate o discusión); 11) el radio-reportaje (en base a documentos vivos, en base a reconstrucciones (relato con montaje)) y, por fin, 12) la dramatización (unitária, seriada e novelada) (KAPLÚN, 1978:131)

O entendimento sobre a linguagem do rádio e sua especificidade pode ser compreendido integralmente pela obra de Gisela Ortriwano (1985). A autora discorre sobre as características intrínsecas ao meio, salientando a importância de determinados elementos como a linguagem oral, penetração, mobilidade (tanto do emissor quanto do receptor), baixo custo, imediatismo, instantaneidade, sensorialidade e autonomia para o fortalecimento do veículo e, com isso, atingir o “objetivo da informação como mensagem radiofônica (que é) manter o ouvinte a par de tudo o que de interesse e atualidade ocorre no mundo” (idem: 89).

Depois de apresentar diversos autores que abordam os conceitos de informação e notícia, Ortriwano (1985) divide a notícia com base no tratamento que recebe na elaboração da mensagem. Desta forma, a notícia pode apresentar-se de duas formas:

- 1) Em sua forma pura, limitada ao relato simples do fato em sua essência;
- 2) Em sua forma ampliada: incluindo-se aí reportagens e comentários, tanto interpretativos quanto opinativos (ORTRIWANO:1985:90).

A autora também afirma que a difusão da informação no rádio pode acontecer de diferentes formas, desde que obedçam a critérios como: oportunidade, conteúdo e tempo empregado na emissão. Gisela, portanto, classifica as transmissões informativas nas seguintes categorias: 1) **flash** (acontecimento importante que deve ser divulgado imediatamente, em função da sua oportunidade); 2) **edição extraordinária** (neste caso, a notícia é apresentada com mais detalhes, sendo normalmente mais longa que o flash); 3) **especial** (analisa um determinado assunto, seja por sua grande importância e atualidade, seja por seu interesse histórico); 4) **boletim** (noticiário apresentado com horário e duração determinados, com característica musical de abertura e encerramento, e assuntos que podem abranger tanto o noticiário local quanto o nacional e internacional); 5) **jornal**



(apresenta assuntos de todos os campos de atividade, estruturados em editorias); 6) **informativo especial** (informações setorizadas. É o caso dos noticiários esportivos) e 7) **programa de variedades** (intercala informações de interesse presumível do grande público com música, humor, etc.) (idem, 92).

Outra obra clássica sobre rádio publicada no Brasil e adotada em inúmeros países, especialmente da Europa, é “Estrutura da informação radiofônica”, de Emílio Prado. O livro não cita ou reconhece a existência de gêneros jornalísticos nem de uma possível classificação em formatos, mas aprofunda a explanação sobre os formatos básicos, mais utilizados, daí seu mérito num momento em que as obras técnicas sobre rádio eram escassas, como nos anos 80.

Desta forma, o autor discorreu sobre os principais formatos do rádio à época: 1) **notícia** (notícia estrita – especialmente nos serviços de hora em hora; notícia com citações com voz – onde alguns dados são expressos pela voz do protagonista dos fatos ou pela fonte; notícia com entrevista – depois da entrada segue-se uma entrevista, que pode ser breve, com respostas curtas ou simplesmente para explicar o porquê dos acontecimentos); 2) **entrevista** (é formalmente um diálogo que produz uma interação mútua entre o entrevistado e o entrevistador. Está dividida em: direta, ao vivo, ou diferida, ou seja, gravada); 3) **reportagem** (reunião de informações segmentadas sobre determinado fato, que juntas dão uma idéia global do tema. Está dividida em: simultânea, ao vivo e diferida, gravada); 4) **mesa-redonda** (são apresentados diversos pontos de vista sobre determinado tema); 5) **debate** (são apresentadas duas opiniões contrárias. É a forma mais viva da polêmica. Tem como objetivo fornecer dados à opinião pública para que esta forme suas próprias conclusões); 6) **documentário** (neste caso, a polêmica reside no tema, não no enfrentamento. É sempre gravado, em função da necessidade de montagem. O jornalista não exprime opiniões neste caso, mas tem o dever de mostrar todos os lados dos fatos); 7) **crônicas** (normalmente, é a informação dos correspondentes internacionais, que fazem uma narrativa dos fatos noticiosos que foram produzidos no âmbito social e geográfico que cobre; pode também acontecer com os comentaristas especializados).

Por fim, analisamos a obra brasileira mais antiga sobre o tema “Princípios e Técnicas de Radiojornalismo”, que em 2010 completará 40 anos de sua publicação pelo ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação), na coleção Comunicações & Problemas, de Zita de Andrade Lima, viúva de Luiz Beltrão.

O livro, que pretende ser uma manual para a realização radiofônica, aborda os princípios da radiodifusão, os fundamentos do jornalismo oral, a linguagem e o estilo radiofônico, código de sinais de comunicação entre operadores técnicos e apresentadores, mas fundamentalmente, explora a classificação dos gêneros radiojornalísticos vigentes até aquele momento e que, até hoje, não foi



superado por nenhum outro pesquisador.

Não obstante a semelhança dos formatos analisados pela autora pernambucana com os observados atualmente, a diferença reside num primeiro estágio quanto à nomenclatura: a saber: para Zita de Andrade o rádiojornalismo é dividido nos seguintes gêneros (noticiosos, entrevistas, reportagens, comentários e editoriais, programas de instrução e programas de propaganda). Cada um desses gêneros, por sua vez, é subdividido segundo a oportunidade, horário, conteúdo, linguagem e tempo empregado na emissão (ANDRADE LIMA, 1970:80).

Os **noticiosos** são formados por: 1) **flashes** (informações ligeiras, transmitidas a qualquer momento, interrompendo um programa no ar, referente a uma ocorrência repentina de grande interesse público; 2) **última hora** (informação sobre fato de maior relevância ocorrido nos intervalos dos horários normais de programas jornalísticos; 3) **repórteres** (informações sobre diversos fatos, de âmbito local, nacional e estrangeiro; 4) **informativos especiais** (informações sobre diversos fatos de um mesmo campo de atividade, transmitidas em duas edições e horários certos, com uma duração variável entre 5 e 15 minutos e 5) **jornais falados** (informações distribuídas em seções, como nos periódicos impressos, sobre todos os fatos noticiáveis ocorridos entre uma e outra emissão da espécie. Geralmente, as emissoras têm três edições diárias (entre 6 e 8 horas; entre 12 e 14 horas e entre 22 e 24 horas).

A **entrevista radiofônica**, por seu turno, divide-se em três tipos: 1) **De informação** (é a procura de fatos, de dados objetivos, de matéria de valor jornalístico, mediante uma conversação com alguém bem informado em qualquer área do conhecimento: política, economia, esporte, educação, ciência, etc.); 2) **De opinião** (é a entrevista em que se busca apresentar idéias, emitir juízos, sugerir soluções. Tem caráter subjetivo) e 3) **Biográfica** (deve expressar o retrato psíquico do entrevistado. Não é o assunto propriamente que interessa, é a maneira como o entrevistado trata o tema, o “como diz”, o “como sente”, o “como reage”).

A **radioreportagem** é, segundo Zita de Andrade Lima (1970)

“o relato circunstanciado de uma ocorrência ou situação em curso, feito através do microfone. (...) é a visão de conjunto e de momento que o agente radiofônico recolhe do acontecimento na sua pureza original, [ou seja], do palco de ação” (1970:105).

Para a autora, as reportagens diretas são divididas em: 1) **Reportagem esportiva** (tem como objetivo primordial transportar o ouvinte para o palco de ação, mediante a narração do repórter. Os sons e ruídos do local da transmissão também cooperam para que o imaginário do ouvinte seja completo. Não cabe ao repórter fantasiar o que vê, aumentando a real emoção do jogo, mas também não pode transmitir monotonia); 2) **Reportagem política** (são as transmissões de comícios,



convenções partidárias, manifestações de massa nas ruas, reuniões de comissões técnicas e sessões de assembleias e câmaras, viagens presidenciais e governamentais, atos inaugurais ou início de obras públicas, homenagens, entre outras atividades relativas à política que atraem o interesse do público ouvinte em geral); 3) **Reportagem Policial e de Fatos Diversos** (enquadram-se nessa categoria as “coberturas” de temporais e inundações, incêndios, desastres e agitações de rua, investigações públicas e julgamentos criminais); 4) **Reportagem avulsa** (este tipo de reportagem, segundo a autora, refere-se às coberturas nas áreas religiosas, econômicas, mundanas ou social, culturais e artísticas).

O **radioeditorial** serve para expressar a opinião do grupo concessionário da emissora e, por isso, é muito mais carregado de responsabilidade que o editorial jornalístico, como observa a autora pernambucana. Segundo ela, o radioeditorial “deve ser produzido para analisar um fato ou idéia, chegando a determinadas conclusões, que são transmitidas ao ouvinte em busca de adesões” (1970:129). Já as **crônicas e comentários** primam pela leveza, tendo como objetivo principal o de facilitar ao ouvinte a compreensão dos fatos, esclarecendo conceitos obscuros ou explicando-lhes.

Os **Programas culturais** compõem-se de programas de divulgação científica ou artística, buscando o aperfeiçoamento do espírito e o progresso da cultura. Andrade Lima observa que esses programas não podem ser confundidos com os educativos, formados por transmissões de cursos, séries de conferências e aulas.

O entretenimento ao público, bastante presente nos meios impressos é a base para o chamado **Radiojornalismo ameno**. O gênero seria composto pelos seguintes formatos: 1) **Programas de horóscopos** (com a análise dos indivíduos nascidos sob os doze signos do zodíaco, apresentam prognósticos e respondem a consultas sobre Astrologia); 2) **Programas de miscelâneas** (informações sobre a data, o tempo e o cotidiano da cidade ou da região: efemérides, previsões meteorológicas, avisos úteis, notícias breves, conselhos de saúde, etc); 3) **Programas de Utilidade Pública** (informações sobre a hora, o tempo, objetos perdidos e achados à disposição dos seus donos, pessoas em trânsito na cidade e que querem localizar parentes ou amigos, interrupções de táfego ou de outros serviços coletivos, etc. Muitos desses itens são especialmente utilizados em emissoras de pequeno porte, de cidades do interior); 4) **Programas de Consultas do Ouvinte** (uma equipe de redatores contesta perguntas e esclarece dúvidas encaminhadas pelos ouvintes sobre os mais diversos assuntos).

Referências bibliográficas

ALVES, Walter. *Estrategia de los pequeños formatos: Una programación buena, bonita y barata*. (Manuales didácticos CIESPAL). CIESPAL: Digraf, 1988.



- ANDRADE LIMA, Zita de. **Princípios e técnicas de radiojornalismo**. Brasília: Icinform, 1970.
- ATORRESI, Ana. **Los géneros radiofónicos** (Antologia). Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1995.
- BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo**. Produção, ética e Internet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**. Os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.
- CASÉ, Rafael Orazem. **Programa Casé: O Rádio Começou Aqui**. Rio de Janeiro: MAUAD Consultoria e Planejamento Editorial Ltda, 1995.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.
- GARCIA, Jimmy Camargo. **La radio por dentro y por fuera**. CIESPAL: Coleccion Intiyan: 1980.
- GOLDFEDER, Mirian. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio e Política: tempos de Vargas e Perón**. Porto Alegre: EDIPUCS, 2001, 2ª edição.
- KAPLÚN, Mario. **Producción de Programas de Radio**. El guión – La realización. Quito: Ediciones Ciespal, 1978.
- KLÖCKNER (a), Luciano. **A notícia na Rádio Gaúcha: orientações básicas sobre texto, reportagem e produção**. Porto Alegre, Sulina, 1997.
- MEDITISCH, Eduardo. **Teorias do Rádio**. Florianópolis: Ed. Da UFSC/Ed. Insular, 2005.
- MERAYO, Arturo (coordenador). **La radio em Iberoamérica: evolución, diagnóstico y prospectiva**. Espanha. CS ediciones y publicaciones, 2007.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio em transição: tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.
- NUNES, Márcia Vidal. **Rádio e Política: do microfone ao palanque**. São Paulo: Annablume, 2001.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. 3ª edição. São Paulo: Summus, 1985.
- PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**. São Paulo: Editora Panda, 2000.
- PEÑARANDA, Raúl U. **Géneros periodísticos: ¿Qué son y para que sirven?** In: Sala de Prensa (web para profesionales de la comunicación iberoamericanos). Año III, Volume 2. Diciembre, 2000. Disponível em: <<http://www:saladeprensa.org/art180.htm>> Acesso em: 27/04/2007.
- PILAR, Maria Martínez del. & HERRERA, Susana. **Qué son los géneros radiofónicos y por qué deberían importarnos**. In: Global Media Journal (em espanhol). Volumen 2, número 3, primavera 2005, p. 1-9. Disponível em: http://gmje.mty.item.mx/articulos3/articulo_7.html Acesso em: 29/10/2007.
- PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan**. 3ª edição revista. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- PRADO (a), Emilio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.
- PRADO (b), Magaly. **Produção de rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevir, 2006.
- RIBEIRO, Fernando Curado. **Rádio: produção – realização – estática**. Lisboa: Ed. Arcádia, [s.d.].
- SAROLDI, Luiz Carlos & MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. 3ª ed, São Paulo: Jorge Zahar Editores, 2005.
- SILVA (a). Julia Lucia de Oliveira Albano da. **A oralidade mediatizada**. São Paulo: Annablume, 2007.
- SILVA (b), Maurício F. **Quem me eleger foi o rádio: como o rádio elege seu representante**. São Paulo: Olhos D'água, 2000.
- TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**. 2ª edição São Paulo: Editora HARBRA, 1999.